

Diversidade Étnico-Cultural





Material teórico



Responsável pelo Conteúdo:

Prof. Rodrigo Medina Zagni

Revisão Textual:

Prof^a Dr^a Patrícia Silvestre Leite Di Iório

UNIDADE A Natureza da Cultura



Nessa unidade, vamos tratar do tema "A Natureza da Cultura".

Nos debruçaremos sobre as principais definições e abordagens que permitem compreender esse duplo aspecto da dimensão cultural da vida humana.





Atenção

Para um bom aproveitamento do curso, leia o material teórico atentamente antes de realizar as atividades. É importante também respeitar os prazos estabelecidos no cronograma.

Contextualização

Quando, em alguma situação do nosso cotidiano, dizemos que determinado indivíduo "não tem cultura", por não dominar um determinado conhecimento, ou não demonstrar aquilo que entendemos como "boas maneiras", estamos fazendo uma afirmação correta ou equivocada? Existe indivíduo sem cultura? Culturas podem ser superiores ou inferiores?

Ocorre que todo Homem é portador de cultura, ainda que repertórios culturais sejam, no mais das vezes, completamente distintos uns dos outros. Mas, só o Homem é portador e produtor de cultura, os animais não.

Nesta unidade vamos conhecer a natureza da cultura, seus processos formadores e reprodutores, bem como questões como relativismo e diversidade cultural; o que nos servirá de base para compreender diferenças culturais que estão em nosso cotidiano e nos vários grupos e instituições sociais com os quais interagimos.

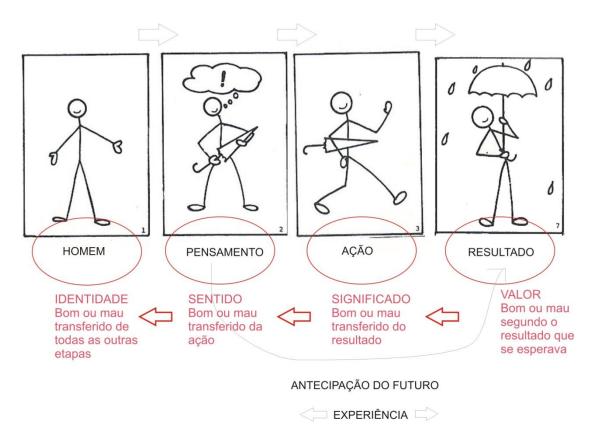
Em busca das respostas às perguntas aqui elaboradas, embrenhe-se pelo conteúdo teórico, apresentação narrada e demais materiais dessa unidade, a fim de entendermos mais sobre a dimensão cultural da condição humana.



A cultura como componente indissociável da condição humana

A cultura se define, segundo a Antropologia Cultural, como o ato voluntário humano que é consciente de sua finalidade; ou seja, trata-se da ação humana consciente de que produzirá resultados.

Isso, por si só, nos permite empreender uma série de reflexões; vamos realizá-las, então, conjuntamente, após observarmos atentamente o quadro abaixo:



Podemos começar percebendo que o pensar humano se distingue do pensar de outros seres em natureza exatamente por seu grau de consciência, ou seja, o Homem é consciente de que suas ações têm resultados, ou seja, o Homem tem plena capacidade de consciência de que aquilo que ele fizer trará consequências.

No caso acima, por exemplo, a consciência de que poderia chover levou nosso personagem a decidir por levar consigo um guarda-chuva. Tendo chovido, o resultado de sua ação inicial passa a receber um valor; como o resultado foi o esperado, ou seja, ele evitou pegar chuva, o valor atribuído por ele ao resultado foi positivo, foi bom.

Antes de mais nada, percebamos que em seu pensar nosso personagem imaginou claramente a possibilidade de chover (problema) e imediatamente pensou em apanhar um guarda-chuva (a solução mais adequada para o problema). Ao fazer isso, nosso personagem deu uma espécie de "salto para o futuro" em apenas um pensamento; ou seja, não havia chovido ainda, mas ele foi capaz de projetar essa possibilidade de futuro em seu tempo presente; e mais, de mudar o seu próprio futuro, uma vez que pegando o guarda-chuva evitou a possibilidade de um futuro indesejado: molhar-se.



O pensar humano, portanto, possibilita ao Homem projetar a si mesmo nos futuros possíveis, orientando as ações humanas em direção ao futuro mais desejado e evitando o menos desejado.

Mais do que isso, se essa situação se repetir no futuro (e invariavelmente se repetirá!), o indivíduo não precisa realizar a

mesma reflexão com o mesmo grau de profundidade, uma vez que dessa situação ele retirou aquilo que chamamos de experiência; e mais, pôde partilhá-la com os outros, ensinando sobre a experiência vivida e transmitindo o conhecimento gerado para esse tipo de situação àqueles que fazem parte do seu convívio social.

No caso do nosso personagem, como vimos, ele evitou molhar-se e isso foi percebido por ele como bom. Esse valor positivo é deslocado pelo indivíduo, do resultado, para a própria ação, dando-lhe então um significado de acordo com a qualidade do resultado, ou seja, tendo sido bom o resultado, aquela foi uma boa ação.

O próprio pensar recebe então os valores e significados da ação e de seu resultado, compondo os sentidos do pensar. Nesse caso, o indivíduo teve bons pensamentos, que o levaram a uma boa ação, cujo resultado foi positivo.

Esses valores, significados e sentidos, por sua vez, passam a compor a identidade do próprio indivíduo, ou seja, nesse caso, um homem esperto. No campo da valoração, identidades podem ser determinadas das formas mais diversas: o homem bom, mau, mentiroso, verdadeiro, justo, injusto etc. Identidades sociais são, portanto, determinadas por repertórios de valores, significados e sentidos.

Ocorre que, quem determina o que é bom ou ruim para os resultados de uma ação? Poderíamos estar em uma sociedade na qual a chuva fosse entendida como uma dádiva dos deuses e que, portanto, não se deve evitá-la. Poderíamos estar em uma sociedade para a qual a chuva tem um valor higiênico, e que aqueles que fogem à chuva são entendidos como antihigiênicos.

Indian women in saris carrying pots in Ghari Puja religious ceremony IMAGEM:

© Steve Raymer/National Geographic Society/Corbis LOCAL Oxford, England FOTÓGRAFO Steve Raymer COLEÇÃO



Percebam que valores e morais (tudo aquilo que determina o certo e o errado, o bom e o ruim, até mesmo o justo do injusto), sejam quais forem, são relativos no tempo e no espaço, o que quer dizer que o que é bom e ruim para mim, ou moral e imoral, pode ter sido entendido de uma forma completamente diferente por meus antepassados, o que prova que valores e morais mudam de acordo com o tempo.

Percebam também que o que é certo e errado para mim, também muda em relação a indivíduos que vivam em outra parte do mundo, em outra cultura. Para várias sociedades

ocidentais, por exemplo, é natural ingerir carne bovina, inclusive de vaca; enquanto na Índia esse animal é considerado sagrado; o que prova que valores e morais também estão em transformação no espaço. Enfim, morais e valores estão em movimento no tempo e no espaço.

Mas o que isso tem a ver com cultura? Tudo! Isso porque morais, valores, sentidos, significados e identidades compõem aquilo que chamamos de sistema cultural. Como todos os itens acima são relativos no tempo e no espaço, não se pode dizer que haja uma só cultura; mas complexos de distintos sistemas culturais.

Se todos esses itens são relativos, portanto todas as culturas também são relativas, ou seja, não há culturas superiores ou inferiores; mas sim culturas diferentes. Mais do que isso, se esse pensar é inerente ao humano e a consciência um potencial de todos os indivíduos (o que ativa todas as relações que identificamos e qualificamos acima), logo não existe indivíduo sem cultura, todos possuem uma cultura: a sua cultura.

Ocorre que a cultura não se localiza, como sistema, apenas no âmbito do indivíduo: ela assume uma dimensão coletiva. Isso porque os valores e morais que mencionamos aqui também são partilhados entre indivíduos, no âmbito de suas sociedades ou segmentos sociais; portanto a cultura constitui-se numa dimensão sempre coletiva, dado que todos os demais itens também são partilhados: valores, morais, sentidos, significados e identidades sociais.

Por isso, não só não existem indivíduos sem cultura; mas não existem sociedades sem cultura; da mesma forma como não existem também sociedades mais ou menos avançadas que outras em termos culturais, mas sim sociedades distintas.

Temos que pensar também que esses valores podem ser gerados pelo indivíduo ou pelo grupo, e nem sempre eles podem coincidir. Por exemplo, segundo a moral e os valores do grupo a ação que cometi é errada, atenta contra a moral do grupo, portanto sou alguém imoral para o grupo. Ocorre que, para mim, a ação que empreendi pode ser plenamente aceitável segundo os meus valores, o que me permite perceber-me como alguém pleno de moral. Pelo fato de haver uma moral dominante e uma moral do indivíduo, é possível que existam duas ou até mais identidades sociais para o mesmo indivíduo, ou seja, para o grupo sou alguém imoral, para mim mesmo sou um indivíduo moral.

As identidades são então não somente auto-atribuídas; mas também construídas socialmente e externamente ao indivíduo, podendo então, nesses casos, haver conflitos de identidade para o mesmo indivíduo. Sendo assim, todos têm cultura – dado que basta então ser humano para ser portador de sistemas culturais - e não existem sociedades menos ou mais evoluídas, em termos culturais, que outras.



Walrus (Odobenus rosmarus), Rookery, Haul Out, Colony, man, photography. Longyearbyen, Svalbard, Norway IMAGEM:

© Andrew Stewart/Specialist Stock/Corbis LOCAL

RM, Svalbard, Norway FOTÓGRAFO Andrew Stewart COLEÇÃO Encyclopedia

Após essa breve análise, podemos então

compreender que a condição existencial humana é cultural. Isso porque o Homem atribui sentidos as suas ações, constrói símbolos, cumula experiência e transmite-as por meio da linguagem (oralidade, iconografia e escrita). A atribuição de significados às ações coloca as experiências em movimento, podendo ser partilhadas e compor um repertório cultural coletivo. Já a condição existencial animal está condicionada ao mundo dos fenômenos; obedece a uma programação biológica, instintiva, na qual a experiência se esgota nela mesma.



A transmissão da experiência humana se dá por meio de uma linguagem em construção e de sistemas culturais em movimento de perene transformação. A linguagem permite ao Homem cumular a experiência, bem como sua inteligência abstrata lhe permite elaborar símbolos. Já os animais obedecem a reflexos condicionados, nos quais há aprendizado, mas por meio de uma inteligência concreta, que lhes permite tão somente programar índices.

Travel Guide
IMAGEM: © Chris Brown/Illustration Works/Corbis
NOME DO CRIADOR Chris Brown
COLEÇÃO Illustration Works (RF)

A linguagem como instrumento maior de cumulação e difusão de experiências e trocas culturais inerentes ao humano, permite-nos identificar também sintomas de desumanização, no enfraquecimento da possibilidade de expressão, que revela graus decrescentes de consciência sobre os resultados das ações humanas, conformando identidades sociais vazias de sentidos, significados e de repertórios morais.

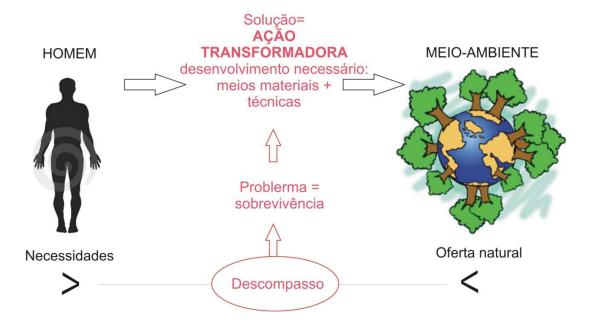


Psychologist Erich Fromm Reading IMAGEM: © Bettmann/CORBIS DATA DA FOTOGRAFIA ca. 1922-1980 COLEÇÃO Bettmann

Trata-se de um sintoma de desumanização produzido pela sociedade de consumo de massa, aquela em que o psicólogo alemão Erich Fromm identificou, no livro "Ter ou ser", como os valores do consumo determinando as identidades sociais. O capitalismo ocidental teria falhado em criar valores morais, aprofundando processos de desumanização que levam a constituições culturais mais de aparência do que de essência, na vigência dos valores acríticos das sociedades de consumo de massa e do espetáculo, onde se é aquilo que se tem.

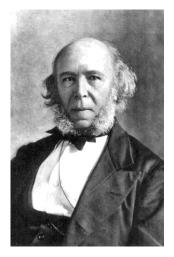
A cultura como ação transformadora do meio e do Homem

Uma outra forma de se compreender a constituição cultural das sociedades é a partir da sua função transformadora do meio ambiente, do meio social e do próprio Homem. Para isso, mais uma vez, vamos analisar e refletir juntos sobre o seguinte quadro:



1000 x 1541 -106k - jpg pencefundam ental.files.wor dpress.com/2 008/12/...

Veja a imagem em: pencefun damental.wor dpress.com/2 008/12/



Já nos dissera o Herbert Spencer que o Homem não é tal qual aquele das pinturas chinesas, ou seja, solto no espaço, como se estivesse caindo no nada: o Homem existe no meio geográfico. Mais do que isso, ele retira desse meio o necessário a sua sobrevivência. Pensemos então a dimensão cultural humana a partir das relações entre Homem e meio-ambiente.

Verifiquemos no quadro que o Homem, que é dotado de necessidades materiais, literalmente obedecendo a programações biológicas (comer, evacuar, beber, dormir, procriar etc.), realiza-as essencialmente no meio-ambiente.

Pensemos no Homem que atende as suas necessidades de sobrevivência no meioambiente, mas sem interferir nele. A caça e a coleta, por exemplo, foram as atividades econômicas da maior parte do tempo de vida humana sobre a Terra, e nela o Homem apenas retirava do meio aquilo que necessitava, sem interferir nele, ao menos gravemente.



Engraving of Economist Thomas Robert
Malthus by John Linnell
Título original: Thomas Robert Malthus (17661834) English economist. Photo shows Malthus in a formal head and shoulder portrait. Undated engraving by J. Linnell.
IMAGEM: © Bettmann/CORBIS
NOME DO CRIADOR John Linnell
DATA DE CRIAÇÃO 19th century

interferir no meio-ambiente.

COLEÇÃO Bettmann

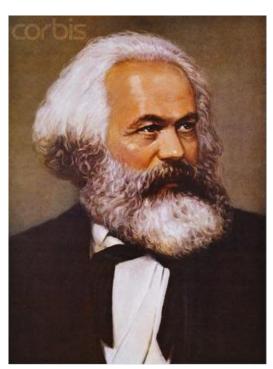
Ocorre que Thomas Malthus identificou que havia um descompasso nessa relação. Senão, vejamos mais uma vez o quadro: nele, as necessidades humanas aparecem com um sinal matemático que representa "maior", em relação àquilo que o meio ambiente pode ofertar naturalmente, portanto, aparece com o sinal de "menor". Malthus demonstrou que as necessidades humanas seriam então maiores que aquilo que o meio ambiente poderia prover, sem que o Homem interferisse nele.

Desse descompasso resulta um grave problema à sobrevivência humana, que depende, vitalmente, de alimento e água. Já dissera o filósofo grego Platão, no séc. IV a.C., que "a necessidade é a mãe de todas as invenções" e; portanto, para esse problema de sobrevivência a solução encontrada pelo Homem foi

A primeira forma encontrada pelo Homem para empreender essa ação transformadora do meio foi a agricultura. Aliando um bastão de madeira, extraído da natureza, conjugando-o a uma lasca de pedra polida com o uso de uma amarra feita com tripas secas de um animal abatido, o Homem desenvolveu a enxada. Com o uso adequado desse instrumento o Homem passou a arar a terra e prepará-la para o plantio de sementes que, por meio da observação, percebeu que poderia germinar e dar frutos. Irrigando periodicamente o terreno plantado, foi possível obter mais alimentos e solucionar o problema do descompasso identificado por Malthus, possibilitando a sobrevivência.

Ocorre que, para que isso ocorresse, foi preciso o desenvolvimento de materiais e técnicas: o incremento dos materiais necessários à atividade do plantio bem como das técnicas adequadas para sua utilização. Os materiais constituem, segundo o filósofo alemão Karl Marx, os "meios de produção da vida social", junto do mais importante meio: a terra; as formas ou as técnicas para utilizá-los consistem na tecnologia desenvolvida, ambos para o trabalho. Segundo a definição marxista, o trabalho é a ação transformadora do meio ambiente que tem a finalidade de garantir a sobrevivência humana.

Contudo, todas essas relações acabam determinando um outro aspecto da vida social: a



Portrait of Karl Marx IMAGEM: © Swim Ink/Corbis DATA DE CRIAÇÃO 1977 COLEÇÃO Swim Ink

cultura. O desenvolvimento da agricultura, que aqui mencionamos, implica num desenvolvimento cultural, nesse caso, da "cultura da enxada". Não é por acaso que o termo "cultura" foi utilizado pela primeira vez para se referir a atividades econômicas na lavoura, isso porque, ainda segundo Marx, por meio do trabalho o Homem altera não só o meio ambiente, mas a si mesmo.

E como isso ocorre?

Não dissemos, citando Spencer, que o Homem não existe solto no espaço, que ele existe no meio geográfico? Sendo assim, sua identidade social se constrói na interação do indivíduo com o seu entorno, com o meio físico, e como esse entorno foi modificado pelo

próprio Homem, nesse sentido o Homem alterou a si mesmo, por conseguinte, alterou suas necessidades e, sendo novas necessidades, a mesma forma de trabalho não pode mais dar conta delas, são necessárias novas ações transformadoras para atender a esse novo Homem e suas novas necessidades. Por sua vez, o meio é mais uma vez alterado, criando um novo Homem, portador de novas necessidades, novas formas de trabalho e, essencialmente, novos sistemas culturais.



Slaves Picking Cotton in Field
Título original: As a slave.
IMAGEM: © Bettmann/CORBIS
COLEÇÃO Bettmann

É por isso que não existem sociedades estacionadas, todas estão fadadas à transformação. Mas isso dito, parece que estamos então contradizendo Malthus, citado no início da análise do quadro em questão. Isso porque, tendo alterado o meio ambiente, o Homem teria resolvido o descompasso entre suas necessidades e aquilo que o meio ambiente poderia lhe oferecer, isso porque suas necessidades não mais seriam maiores em relação ao que o meio poderia, transformado, fornecer. Sendo assim, por que então as sociedades mudam, se o problema do descompasso teria deixado de existir?

Mudam e mudarão constantemente, isso porque Malthus demonstrou que o descompasso mencionado nunca deixaria de existir. Para defender essa tese, Malthus demonstrou que os homens crescem em progressão geométrica (multiplicando-se entre si), enquanto os meios de subsistência cresceriam em progressão aritmética (por somatória, não por multiplicação). Sendo assim, um novo meio (alterado pela ação humana) traria novos problemas à existência humana, que demandariam sempre novos tipos de soluções, novas ações transformadoras, e novos sistemas culturais vão se formando daí.

Por que sistemas culturais teriam então, segundo a visão marxista, uma determinação decorrente das relações de produção? Ora, para Marx, a infraestrutura econômica das

sociedades, ou seja, sua base econômica, determinaria a superestrutura política e ideológica, sendo a cultura a somatória dessas relações, pois se inscreve no *modus vivendi* das sociedades.

A infraestrutura seria o modo de produção da vida social, ou como aquela sociedade produz o suficiente a sua existência material, produzindo os sentidos, significados, valores, morais e identidade que mencionamos no início desse texto. O modo de produção da vida social seria determinado pelo modo de produção de bens de consumo, composto por sua vez pelos meios de produção (instrumentos, terra – incluindo seu regime de propriedade - etc.), força de trabalho (se é assalariada, escrava, servil, voluntária etc.), tecnologia (forma com que a força de trabalho opera os meios de produção), determinando os aspectos políticos, ideológicos e culturais dessa sociedade.

Nessa perspectiva, o trabalho é a ação transformadora humana do meio ambiente, geradora de cultura (que também pode ser definida como trabalho), ato exclusivamente humano por ser consciente de sua finalidade, no que é, portanto, intencional.

É preciso estar claro que por meio do trabalho o Homem transforma o mundo e a si mesmo, porque ao alterar o meio o Homem altera o próprio Homem. É preciso que fique claro que, transformando o meio e a si mesmo, o Homem redefine suas dinâmicas culturais, redefinindo valores, sentidos, significados e identidades.

A ação transformadora humana na natureza passa a ser mediada pelos símbolos criados pelo Homem, que dão sentido as suas ações, desta forma a Cultura pode também ser definida como o conjunto desses símbolos, relativos no tempo e espaço, com múltiplas manifestações. Com isso o Homem, colocando em movimento o meio, a cultura e, desta forma, a si mesmo, é o único ser histórico consciente de sua condição e, portanto, produtor de sua própria história.

O Homem e o meio ambiente

Indubitavelmente, viver em uma grande cidade é sinônimo hoje de alienação e dependência, pois cada vez mais distanciamo-nos da natureza, à qual exercemos domínio como grupo, nunca como seres isolados. Sendo assim, tendemos a nos distanciar cada vez mais das relações primordiais geradoras de cultura, para assumir repertórios culturais gerados, em essência, pela indústria de consumo de massa, conforme identificaram autores da chamada Escola de Frankfurt, primordialmente Theodor Adorno, no conceito de "indústria cultural", publicado em 1947 no livro

"Dialética do Iluminismo", que escreveu junto de Max Horkheimer.

O domínio que o Homem exerce sobre a natureza nos processos de ocupação do espaço, tecnologias, complexas estruturas econômicas e formas de produção, advém de conhecimentos que indivíduos distintos e tomados isoladamente desenvolveram ou por sua vez adquiriram de outros que os precederam, aos quais, de forma cumulativa, foram inseridos novos conhecimentos, culminando em tecnologias avançadas que podem ser utilizadas por todos, mas dificilmente reconstituídas desde a fase embrionária de seu processo de concepção.

O Homem tanto se orgulha de suas grandes obras e monumentos, de sua pretensa superioridade com relação ao meio em que vive, que se esquece que, por si só, não é



263 x 350 - 12k - jpg - aideiadenaoterideia.files.wordpress.c om/2009/...

Veja a imagem em: <u>aideiadenaoterideia.wordpress.co</u> m/2009/03/



211 x 212 - 40k - gif www.phillwebb.net/.../Horkheimer/Horkh eimer2.gif

Veja a imagem em: www.phillwebb.net/.../Horkheimer/Horkheimer/htm

detentor de conhecimento algum que possa garantir sua sobrevivência se deixado só, desprotegido em meio a uma densa floresta, cercado por animais selvagens e predadores, precisando prover-se da caça e da coleta como fizeram nossos antepassados, que por sua vez já contavam com formas de transmissão de conhecimento, como a oralidade, para construção do saber cumulativo.

O distanciamento do Homem em relação à Natureza é responsável por uma ilusão de falso domínio: seu isolamento nos centros urbanos constrói uma sensação de segurança em relação ao meio e de pleno domínio da natureza, que exaure não mais para sua sobrevivência, mas para atender aos fetiches da acrítica sociedade de consumo de massa.

É possível perfeitamente discordar dessas premissas pensando o Homem como a "obra-prima" do reino animal, o topo da escala evolutiva e que tudo no passado é "pior" e "primitivo" na perspectiva das "realizações" de uma enganosa condição de pós-modernidade.

Imaginemo-nos seguros em nossas casas ou apartamentos, rodeados de eletroeletrônicos e parafernálias que garantem a nossa sobrevivência, trabalho, entretenimento, alimento e até nos convencem a não viver a aventura de ser humano, de ousar, de ser errante, fazendo-nos viver as aventuras de riscos alheios, nas jornadas domingueiras dos programas de televisão, nas competições desportivas, em tudo que está fora nós, na televisão.

Imaginemos agora se uma voz vinda do além ordenasse: "Acabai a energia elétrica!" E assim se fizesse? Seríamos capazes de reinventá-la isoladamente, como aprendemos a viver nos grandes centros, sem construir relações sociais profundas e duradouras e detentores de parcial e limitado conhecimento?

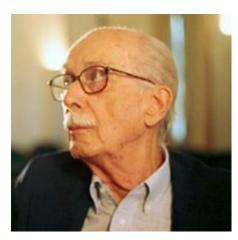


340 x 462 - 23k - jpg - toppeople.starmedia.com/tmp/swotti/ cacheZXJP... Veja a imagem em: toppeople.starmedia.com/humanities/ opinions ...

Vejamos então que nosso conhecimento funciona apenas de forma cumulativa, portanto a humanidade funciona enquanto grupo, nunca isoladamente. Percebamos o quanto é antinatural o atual ciclo sistêmico do capitalismo, construtor do que o historiador inglês Eric Hobsbawn chamou individualismo associal absoluto, responsável pelo surgimento de indivíduos egocentrados dissociados de sua condição de classe, e que compete na espiral de produção e consumo apenas por si mesmo.

Percebamos então que o contato com a natureza, exercido nos campos e vilarejos, continua sendo a melhor forma de proporcionar integração entre seus indivíduos e de aproximar o indivíduo da Natureza, à qual devemos nos integrar, e não

dominar. Mas nem mesmo no campo essa é mais uma realidade. No Brasil, sob a égide do Plano de Desenvolvimento Nacional do governo militar, os pequenos produtores rurais tiveram suas propriedades para cultivo de subsistência engolidas pelos latifúndios agroexportadores e seu *modus-vivendi* obliterado pela lógica da mecanização das lavouras, que os reduziu a condição de boias-frias, obrigando-os a engrossar as fileiras de miseráveis nos grande centros, excedentes populacionais não incorporados à industrialização.



220 x 217 - 18k - jpg www.unicamp.br/.../imagens/Antonio-Candido.jpg A imagem pode ter direitos autorais. Veja abaixo a imagem em: www.unicamp.br/.../ju/maio2004/ju25 Opag05.html

Esse processo foi brilhantemente mapeado pelo renomado antropólogo brasileiro, Antônio Cândido, em sua tese de doutoramento, "Parceiros do Rio Bonito", na qual estuda as mudanças culturais da então chamada "cultura rústica", a "cultura do caipira", em relação às transformações que estavam em curso e que acabaram por reduzi-lo à condição de boia-fria.

Devemos rever o conceito de relação do Homem para com o meio, que haja integração e não domínio. Implica em perceber que o planeta é um sistema fechado e que o consumo desenfreado (que é o combustível de um

capitalismo aprofundado sobre si mesmo sob a fachada de socialmente responsável) é a causa da quase inviabilidade da existência humana sobre a Terra, numa perspectiva de muito pouco tempo.

Como a Antropologia conceitua a cultura

Para a Antropologia, ciência que estuda o Homem e suas obras, em sua área específica de estudos culturais – a Antropologia Cultural, a cultura se define como um processo de aprendizagem. Trata-se de um comportamento apreendido, o que se defronta com seu contrário: a personalidade, que se pensa como algo já dado. Trata-se de um conjunto de coisas (materiais, de existência concreta) e de ideias (imateriais, espirituais, de existência abstrata).

Segundo o que vimos até aqui, conseguimos entender que coisas se refiram aos materiais fabricados pelo Homem para atender as suas necessidades de sobrevivência, isso porque já sabemos que o Homem é portador de necessidades biológicas. Mas e as ideias? A que tipo de necessidades elas se referem?

Ora, o Homem não é portador apenas de necessidades biológicas, as assim chamadas necessidades do corpo ou da matéria. Isso porque o Homem é feito também de uma outra substância, de essência imaterial e abstrata, que não podemos tocar fisicamente, medir ou pesar: nossa alma; exatamente aquilo que preenche o corpo material, dando-nos caráter, personalidade, sentimentos e emoções. Trata-se daquilo que nos torna únicos! Essa nossa dimensão imaterial também possui necessidades, assim como a dimensão material, mas de outra natureza: amar, ser amado, ter amigos, ser solidário, ser feliz etc.

Se a dimensão da existência humana gravita entre material e imaterial, a cultura, produto da ação humana, também se constitui nessa dupla dimensão.

Temos então a cultura material: concreta, do universo das coisas e a imaterial: espiritual, do universo das ideias.

Para entendermos melhor essa distinção, pensemos em dois ambientes essenciais onde se desenvolve a vida em sociedade:

AMBIENTE	LOCUS	CARACTERÍSTICAS
Primário natural	Natureza	Necessidades biológicas, físico-orgânicas (excreção, sede, alimentação, reprodução, segurança)
Secundário artificial	Sociedade	Necessidades sócio-culturais ou psicossociais (religião, educação, política, economia, relacionamento individual ligado aos sentimentos).

Este quadro demonstra que a cultura é composta por elementos materiais concretos voltados basicamente ao atendimento de um conjunto de necessidades de curto prazo; enquanto existe aquele conjunto de necessidades, sobretudo de ordem psicossocial, relacionadas à necessidades orientadoras do comportamento, apreendidas desde os primeiros anos de existência e que acompanham o indivíduo ao longo de sua vida.

A cultura real revela efetivamente as condições concretas e imediatas de existência, comportando aspectos positivos e negativos e, essencialmente, resultantes dos modos como os homens produzem e se relacionam em sociedade. Enquanto a cultura ideal representa um parâmetro que orienta as condutas no sentido de atingir condições satisfatórias de vida; entretanto, seus elementos, só em casos excepcionais, são atingidos.

Depois de refletir ao longo dessas páginas sobre a cultura, podemos concluir que:

- A cultura é universal na experiência do Homem; entretanto, cada manifestação local ou regional da cultura é única.
- A cultura é estável e não obstante é também dinâmica, evidenciando contínua e constante mudança.
- A cultura inclui e determina amplamente o curso de nossas vidas e, no entanto, raramente interfere no pensamento consciente.

Material Complementar

Ainda sobre o tema "a natureza da cultura", indico os textos abaixo, disponíveis na internet, a título de leitura complementar:

JOBIM, Sonia; "O que é cultura?"; disponível em http://orixas.com.br/afrodesc/index.php?option=com_content&task=view&id=25&Itemid=6
3.

KONDER, Leandro; "O que é a cultura? disponível em http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/404-o-que-e-a-cultura.

SANTOS, José Luis; "O que é cultura?" disponível em http://pt.shvoong.com/books/1771319-que-é-cultura/.

Indico ainda os filmes:

Dersu Uzala; dir.: Akira Kurosawa, Japão / URSS, drama, colorido, 1975.

A Missão; dir.: Roland Joffé, Inglaterra, drama, colorido, 1986.

Koyaanisqatsi; dir.: Godfrey Reggio; EUA, documentário, 1983.

Baraka: Um Mundo Além das Palavras; dir.: Ron Fricke; 24 países, documentário, 1992. **Crianças invisíveis**; dir.: Mehdi Charef, Kátia Lund, John Woo, Emir Kusturica, Spike Lee, Jordan Scott, Ridley Scott e Stefano Veneruso; Itália, documentário, 2005.

Na internet, indico os conteúdos:

"Uma só palavra: o que é cultura?"; disponível em http://videolog.uol.com.br/video.php?id=274548.

Anotações



www.cruzeirodosulvirtual.com.br Campus Liberdade Rua Galvão Bueno, 868 CEP 01506-000 São Paulo SP Brasil Tel: (55 11) 3385-3000









